

REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Biblioteca, administrador e tipografia, Largo da Combro, 38-A, 2.
LISBOA - PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tâmaras-Lisboa. Telefone 58800 C.

Oficinas de impressão - Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

NOTAS & COMENTARIOS

Krapótkine

Em 11 de Novembro de 1918 o povo mostrava-se radiante. A paz! Entim a alegria era geral. Os próprios dirigentes participavam dela porque estavam plenamente convencidos de que poderiam fazer uma paz, cuja colheita de riquezas fosse ainda maior que aquela que a guerra lhes tinha dado.

Sabe-se com efeito que, segundo a exacta constatação do economista Leroy-Beaulieu, a guerra é o período da sementeira e da colheita para os capitalistas. Por isso os mesmos se atrelaram com tenacidade a esta paz de vencedores: os capitalistas da Gran-Bretanha, da França, da Itália e do Japão, os autênticos dirigentes das potências, com o fim de continuar a colheita das riquezas. Pouco cuidado lhes davam as promessas feitas durante a guerra, que era a «luta final», a «última guerra», e a seguir se fariam tratados de paz. Mas sob formas tais estes tratados foram feitos que - devido aos seus insaciáveis appetites de riqueza - em lugar da paz, os tratados trouxeram-nos a guerra. E, dias após dias, os povos foram constatando a pouco e pouco como os governantes os tinham enganado, como haviam especulado com o lado melhor da natureza humana, a fim de obterem o seu concurso, com o simples fim de lucro para eles.

Apareceram então as deceções e aumentaram estas à medida que a guerra continuava, apesar da assinatura dos diplomas e dos homens políticos, no fecho dos tratados. Simples farroupas do papel! A guerra continuava, porque em toda a parte se batiam, do Báltico ao Mar Negro e ao Golfo Pérsico, dos confins do Oceano Glacial ao Aman Darin e ao lago Baikal, do Mar da China ao Mar Vermelho. Por momentos parecia que a luta se apaziguava aquém, para mais tarde reappear além. E, conforme as circunstâncias e os lugares, nasciam novas formas de guerra: na Irlanda, no Egito, na Pérsia, etc.

A guerra continua, ela continuará, acentuando-se cada vez mais em intensidade e em grandeza, se os povos não souberem pôr-lhe círculo, resolvendo por suas próprias mãos os seus negócios, em lugar de os confiar a pseudo-mandatários.

Se tens interesse numa questão
Não a trates por procuração.

Como diz o imortal La Fontaine.

O povo, meus amigos, medita nestas palavras dum sábio e dum moralista, não querer continuar a ser os instrumentos da minoria dirigente na guerra presente, cujo agravamento segue o seu curso com regularidade e rapidez.

Actualmente, o mundo presenta-las lutras esporádicas, restritas, senão em extensão pelo menos em perdas diretas. Mas o observador já pode aperceber os próximos dumha mudança na morfologia da guerra.

A esporadicidade actual sucederá uma nova guerra de forma mundial, abrangendo mesmo uma maior população e uma superfície que as atingidas durante a primeira fase da actual guerra social. Todos estes fenômenos de lutas entre povos são, com efeito, para quem sabe analisar os factos, manifestações dum social gigantesco cujo objectivo é a vida ou morte dumha forma social: o capitalismo; e cujo fim é a transformação para uma outra forma social: o socialismo.

A guerra continua porque os governantes foram tam loucos que não procuraram criar uma verdadeira Sociedade das Nações com base democrática, que livresse como consequências o desarmamento para todos, a justiça para todos, e para todos uma sincera solidariedade. Os governantes foram na realidade loucos refazendo uma nova Santa Aliança, um equilíbrio de potências em desuso e inadequado ao destino democrático dos povos. E assim, por intermédio do seu imperialismo, cavaram e continuam cavando o seu próprio túmulo. Mas ao secularem-se, com elas sepultarão os «dirigidos» na proxima luta gigantesca que se prepara entre a América e o Japão. A luta agora travada na Ásia, e o Oceano que há de engolir os homens e os navios será o Pacífico.

Os dirigentes bem sabem que os chamados tratados de paz só trouxeram uma modificação na forma de guerra, que tem mantido tanto quanto lhes é possível as medidas de segurança, tal como a existência dos passaportes! Lloyd George declarou atá com o mais tranquilo aplauso na Câmara dos Comunes que o governo manteinha os passaportes porque facilitavam as viagens! E o parlamento lacaio vergou a espinha. Isto vem provar uma vez mais, para o pensador, que os dirigentes, quaisquer que sejam, se entendem como ciganos num leira e que só as apariências os governos são democráticos. Os dirigentes são, é muito bem, que a guerra americano-japonesa se está preparando, e que continuam na medida das suas possibilidades com os armamentos.

O Japão e os Estados Unidos entregam-se febrilmente a esta tarefa. Os dirigentes da Gran-Bretanha viram-se coagidos a por uma surdina a sua febre de armamentos. O poder das Trade-Unions, por um lado, as finanças estatais agravadas, por outro, forçaram-nos necessariamente a uma restrição ao seu imperialismo. E esta restrição é tan grave que a Gran-Bretanha está em vésperas de perder o império dos mares. Em 1923 ou 1924, este império passará, na sua quasi totalidade, para os mäos dos dirigentes norte-americanos. O Japão será a segunda potência naval e a Gran-Bretanha a terceira. Os dirigentes franceses esforçam-se por manter o seu poderio guerreiro, tanto em terra como no mar. E mete dôr ver estes esforços votados ao fracasso, por um lado, ao mesmo tempo que por outro se acentua cada vez mais o agravamento das finanças e o descontentamento das massas. O pensador fica sempre estupefacto quando vê os governantes dumha nação como a França esforçarem-se por desempenharem o papel da rã na famosa fábula «A rã que quer ser tam copleta como o boi». Custa a compreender como criaturas inteligentes pretendem governar uma nação com 37 milhões de habitantes, gastando a sua energia nesta impossível tarefa: imitar nações de 60, 100 e 110 milhões de habitantes!

A ruína financeira e económica da Alemanha impede-lhe muito mais que o tratado de Versalhes de continuar com os seus armamentos, conservando um forte exército, apesar do desejo extremo dos panzeristas e restantes conservadores. Quanto à Rússia, apesar da intensa aspiração dos seus povos para a paz, vê-se obrigada a manter o estado de guerra, sob a pressão da diplomacia anti-revolucionária dos dirigentes ocidentais. Esta política mantém o militarismo e os armamentos na Polónia, na Roménia, na Iugoslávia, na Turquia, na África, no Brasil, no México, na Tchecoslováquia, na Itália, enfim, em toda a parte. E para levar as massas populares das cidades e dos campos aceitaram o fardo tam pesado do serviço militar e das despesas dos armamentos, os dirigentes, pelos seus órgãos, os governantes e a imprensa, agitam a probabilidade de uma agressão, na próxima primavera, dos bolchevistas russos sobre a Polónia e a possibilidade de uma guerra da Alemanha contra a França. Não ignoram que não existe realmente esta possibilidade e que esta, a realizar-se, porque convém, na verdade, ao capitalismo ocidental arremessar a subjugada Polónia contra a Rússia. Mas a orquestra é mundial, e, por toda a parte, com o mesmo compasso, toca idêntica música, visto os seus dirigentes serem movidos por interesses concordantes e harmónicos.

Por isso os armamentos continuam, para maior proveito dos industriais metalúrgicos e dos outros. Nos estaleiros marítimos da América e do Japão, os dreadnoughts e os cruzadores couraçados construem-se apressadamente. Os estaleiros japoneses não dão vassão à tarefa e por isso os estaleiros britânicos recebem encomendas do Japão aliado da Grã-Bretanha. A nova fase da guerra social prepara-se sob as vistas dos que até agora se mantêm sem reagir. Os dirigentes sabem que esta guerra será ainda mais mortifera que a de 1914-1918. Sabem que pela sua duração arrastará possivelmente a ruína da civilização ocidental. Tanto-pior. Querem-na tentar, depois não é a guerra o período da colheita para os capitalistas? Confiam na superioridade da ciência ocidental. Confiaram nas descobertas dos sábios e dos técnicos, na arte de destruir os homens e as coisas. Quando será que os homens de ciência, os físicos, químicos, mecânicos, homens de laboratório ou de oficina, compreenderão que tem o poder de impor a sua vontade aos insaciáveis estorreados de lucros e de ganhos? Alguns, talvez como o grande químico inglês Setheby, assim o compreenderam.

Possam estes arrastar com eles os cientistas de todo o mundo na sua reclusão, participar, pelos frutos do seu gênio e dos seus trabalhos, na ruína da sua própria casa: a civilização científica ocidental!

Mas se a massa dos cientistas e dos técnicos, se a massa dos operários da indústria, se a massa dos operários da terra continuam a sofrer a leis dos seus actuais senhores: os capitalistas industriais, territoriais, comerciantes e financeiros, entao, daqui a alguns meses, uns trinta talvez, o mundo assistirá a imensa matança, imensa destruição.

E a matança e a destruição de 1914-1918, com os seus vinte milhões de mortos e mais de trezentos bilhões de libras esterlinas de ruínas, como o mostram as minhas *Lijões da Guerra Mundial*, terão sido uma simples brincadeira de crianças ao pé da matança e da destruição na grande luta entre o Japão e a América do Norte para a hegemonia mundial.

Ano II - N.º 662

Marítimos de Cezimbra

Os armadores pretendem levar os operários a uma nova luta.

CEZIMBRA, 3.-C.-Os armadores mostram bem quanto são dignos do maior desprezo, porque desses juntam a classe naval ao sacrifício, a impôr-lhe contra sua vontade. O sr. ministro da marinha deve ter tido na mente organizações que fazem os armadores em Cezimbra, Frade & Romão e Caldeira & Filhos, que não quer que os armadores sejam os marítimos tem de vender os cordões...»

Não estão satisfeitos os pescadores de Cezimbra, com o procedimento incorrecto dos armadores, não sendo para admirar que a sua nova confiaria, do qual só os industriais tem a responsabilidade como se verifica.

Concluídas as negociações, puseram em liberação as armadas das firmas Soares & Povoa, Rosas & Cataia, Bernardino & C. e Preto & Franco, ficando na som-

NOTAS & COMENTARIOS

O OPERÁRIO EM MARCHA

A Conferência Inter-Sindical do Porto

As classes liberais perante o sindicalismo

4.ª e última sessão

PORTO, 4.-C. — Apesar da tarde tempestuosa que fez, a concorrência à 4.ª sessão não desmerceu das transactas, estando o salão literalmente cheio. A's 15,30 assume a presidência Felisberto Baptista, secretariado por Luis de Carvalho e Santos Carvalho.

Para dar parecer sobre várias moções que se encontram na mesa, é nomeada uma comissão, que fica composta de Pereira Braga, Emílio Teixeira e Antônio Fonseca. Francisco

Pereira apresenta uma proposta para que os trabalhos da conferência sejam publicados em folheto. Emílio Teixeira pregunta se a secção sindical do seu sindicato, em Avintes, deve ingressar na U. S. O. de Gaia, ou a Central do seu sindicato, com sede nesta cidade, deve pagar, pela secção, à U. S. O. do Porto. O secretário da C. G. T. explica que a secção de Avintes deve pertencer à U. S. O. de Gaia.

Costa Peixoto, após breves palavras, apresenta uma proposta para a construção ou aquisição de um edifício próprio para a organização, evitando-se assim de muitos sindicatos se verem embargados para a instalação da sua

responabilidade contrária na mesma organização.

A discussão do último número

Depois de ser aprovada a proposta de Bento da Cruz para que seja tirada uma queite destinada aos presos por questões sociais, entra em discussão o n.º 6 e último da ordem dos trabalhos: *A situação das classes liberais perante o sindicalismo*.

Hermenegildo Passos reconhece a vantagem dos intelectuais se unirem aos operários, embora diga reconhecer também que muitos deles, a maioria mesmo, pretendem entrar a marcha da organização dos trabalhadores. Confronta o caso da greve dos trabalhadores da imprensa de Lisboa com o que se está passando nas linhas férreas com a atitude dos superiores, inspectores, engenheiros, etc. O secretário geral da C. G. T. interrompe, advertindo H. Passos de que a questão da sua classe nada tem com a doutrina, o espírito do número 6.

H. Passos desiste da palavra, ficando no uso da M. J. de Sousa, que se reportou à situação das classes médias, que outrora, vivendo melhor, embora sob a dependência do capitalismo, chasqueavam as pretensões do operariado a uma liberdade maior, sob o triplo aspecto político, económico e social. Hoje mercê da derrocada da sociedade, que mais lisongeiro se deve remunerar um secretariado, para o que acha conveniente o aumento da cota de harmonia com essa necessidade. Este assunto foi largamente debatido. Falaram, evidenciando as dificuldades ou prosperidades financeiras dos seus sindicatos, embora reconhecendo-se ser precisa a elevação da cota, os camaradas Rodrigues dos Santos, que apresentou uma moção; Silvino Fernandes, que apresentou uma proposta; Santos Carvalho, que leu uma moção; F. Viana, que também enviou para a mesa uma proposta; José Moura, E. Teixeira, José Gonçalves, Teixeira Júnior, Ribeiro Dantas, Antônio Brito, Rainha, Mendes Gomes, Bento da Cruz e Lucena, que igualmente faz considerações sobre algumas propagandas que desprazaram os seus antigos postos de combatentes, sendo até certo ponto responsáveis pelo mal estar da sua classe, citando, para exemplo, as classes téxtil, o ideário feminino é vilmente explorado. (Dá-se um ligeiro incidente, que prontamente é sanado, dadas certas explicações).

Francisco Viana apresenta um requerimento para que, sem prejuízo dos oradores inscritos, se ponha à aprovação, primeiramente, a moção de Santos Carvalho, que é a seguinte:

«Considerando que o assunto em debate é o aumento da cota à U. S. O.; e atendendo a que cada sindicato deverá saber, por sua vez, deverão fazer a administração que tem, a assembleias, o aumento da cota, a U. S. O. ficando a cargo de cada classe a fixação da cota associativa especial.

Foi aprovada, bem como a proposta de Rodrigues dos Santos — e uma outra idêntica de F. Viana — que fixa a cota de 1/2 centavo por semana e por sindicato.

Francisco Viana apresenta um requerimento para que, sem prejuízo dos oradores inscritos, se ponha à aprovação, primeiramente, a moção de Santos Carvalho, que é a seguinte:

«Considerando que o assunto em debate é o aumento da cota à U. S. O.; e atendendo a que cada sindicato deverá saber, por sua vez, deverão fazer a administração que tem, a assembleias, o aumento da cota, a U. S. O. ficando a cargo de cada classe a fixação da cota associativa especial.

Um admirável discurso de Cristiano de Carvalho, um dos representantes da Comuna, conhecido artista português, que, apesar da sua situação industrial, defende as ideias mais libertárias de emancipação social, pede este momento em que deve falar e dizer o que sente, por o assunto a isso

dever ser aproveitado a oportunidade, tanto mais que a política decaiu em quase toda a gente. A liberdade política que a burguesia criou é uma arma de dois gumes. E para a defesa desta liberdade, tem chamado algumas vezes o operariado a colaborar com ela. Esta é, mas o recagar demasiado embora um pouco. O melhor, é operar em contrário: é vir os elementos de que tanto a burguesia pensava nelas. Temos tido a prova em algumas classes liberais, e presentemente na greve dos jornalistas de Lisboa, de colaboração com os restantes trabalhadores da imprensa. Visto que a U. S. O. apresentou esta questão, entendo que ela deve ser debatida suficientemente, por estar dentro da organização.

Um admirável discurso de Cristiano de Carvalho

Cristiano de Carvalho, um dos representantes da Comuna, conhecido artista português, que, apesar da sua situação industrial, defende as ideias mais libertárias de emancipação social, pede este momento em que deve falar e dizer o que sente, por o assunto a isso

dever ser aproveitado a oportunidade, tanto mais que a política decaiu em quase toda a gente. A liberdade política que a burguesia criou é uma arma de dois gumes. E para a defesa desta liberdade, tem chamado algumas vezes o operariado a colaborar com ela. Esta é, mas o recagar demasiado embora um pouco. O melhor, é operar em contrário: é vir os elementos de que tanto a burguesia pensava nelas. Temos tido a prova em algumas classes liberais, e presentemente na greve dos jornalistas de Lisboa, de colaboração com os restantes trabalhadores da imprensa. Visto que a U. S. O. apresentou esta questão, entendo que ela deve ser debatida suficientemente, por estar dentro da organização.

As perseguições à organização operária

CONFERENCIAS

Na Universidade Popular Portuguesa

Tem continuado nessa instituição de educação popular as lições do curso de *Economia social*, pelo dr. sr. Azevedo Perdigão. A lição que se realizou na semana passada versou sobre o momento assunto dos «Salários e custo de vida».

O conferente fez o estudo comparativo entre a alta dos salários e a alta do custo da vida, no período 1910-1921.

Para calcular a alta dos salários, tomou como ponto de partida os salários médios de diversas profissões, conforme as notas fornecidas pelos próprios operários.

Para avaliar a alta do custo de vida, tomou a variação de preços de vinte gêneros de primeira necessidade, bem como do preço de fato, calçado e roupas de casa, no mesmo período.

Tiradas as médias e reduzidos os dados estatísticos a índices-números, apresentou um gráfico conjugando os dois elementos.

Do seu estudo comparativo concluiu: 1.º que o custo de vida no período 1910-1914 tem um aumento que não excede 20%, enquanto os salários se apresentam com uma alta mais sensível, 2.º que, no período 1914-1919, considerado em globo, o custo de vida aumentou de 10,7 vezes ou seja 1070%, ao passo que os salários não atingem uma alta superior a 620%, do que resulta um desequilíbrio de 450% sobre o salário de 1910. Criticou o conferente estes dados, corrigindo as conclusões pessimistas de que elas são suscetíveis, referindo-se às rendas das casas e à dificuldade do trabalho das mulheres e menores que, com os salários complementares, valem cobrir aquele déficit de 450%.

Também na mesma Universidade realizou o ilustre poeta Augusto Casimiro uma conferência sobre «A Tradição e o Futuro».

É impossível resumir fielmente o brilhantíssimo discurso proferido, do qual vamos dar alguns ligeiros apontamentos.

A vida é adaptação, evolução internacional, adaptação crescente a um ideal. A essência do Universo é uma força indomável de transformação e infinito melhoramento. Na longa marcha libertadora diante das almas, como dois polos que é preciso conciliar sem limitações: os Passado e o Futuro.

O Passado, a sua força, é o encanto das visões desfiguradas pelo tempo e a lenda, a da continuidade dos nossos esforços de libertação, ou o fácil refúgio dos fracos face às insuficientes soluções do presente. Mas o culto do Passado é também o sacrifício culto das fórmulas que limitam a vida, o hipocrata, excessivo horror das novas experiências, a defesa egoísta dos interesses criados, a mutilação do nosso poder de Vida, a atitude preparada, a arma de ataque, ao nosso sentimentalismo despencado, menos livre e desiludido, nas mãos das forças incapazes, possessas, na sua inconsciência, da intenção de estagnar a vida.

A tentação do Futuro, o culto do amanhã, nas almas elevadas a um ideal, é a única atitude religiosa e viva. Há uma tradição eterna, a servir e a continuar nos esforços nossos, — e de todas as almas, de todos os valores que, através dos tempos, e de todos os calvários, exerceram sua atividade em serviço da maior ventura do Mundo.

Almas sinceras, no reduzido campo das suas possibilidades, combatem a es-

Vida cara e difícil

Em Ponte do Lima

Ainda os assambarcadores

PONTE DE LIMA, 1.—Não é demais lembrar aos pais da pátria que é necessário salvar-nos livrando-nos de monopólios e comerciantes assambarcadores e milicianos que a riama de todos e o flagelo que era ao homem do consumo.

Mandem os assambarcadores militares para Timor, livrando o país dessa malta que infesta os mercados, e é mesmo a casa do produtor e detentor, a propriedade geral que é o que mais prega, porque é o mercado, ou mesmo nessas localidades, os vás vender por menor quantia ao infeliz consumidor, que moreja de sono para angariar meios de poder viver.

Como há de viver o pobre consumidor neste país de monopólios e assambarcadores?... Ah! senhores!... o tempo de acordar e começar vida nova. O povo gera e alberga cada vez se torna mais pessado, porque meia dúzia de felizardos se locupletam com pingues ordens, e o povo, ao passo que os outros vergem com o malheur, e não encontram a remuneração ao seu esforço de todos os dias.

Criam-se empregos e outras sinecuras para arranjar colocação a amigos e afilhados. E para prova do que digo, reparem que os empregos que se dão em Lisboa, Escórias, escolas e o resto cada vez mais ignorante, porque não pode mandar instruir a prole, pois os livros e utensílios estão caríssimos, e não pode comprar porque as remunerações do seu trabalho são insuficientes à compra dos gêneros para saciar a famé.

E é nessa altura que se vem pedir sacrifícios que mais recuem nas classes trabalhadoras do que nos parasitas que tudo devorem. Senhores do alto: mude-se de vida, suprima-se o terceiro dos lugares reais.

O povo trabalhador luta com dificuldade para viver, e paga encargos de nichos que se tem criado. O tabellão andava adstrito a escrever e separou-se aquela destra para criar o notariado, que bem depressa se fez sentir nos emolumentos dos serviços que pretendem o desenvolvimento das respectivas empresas de depreciação da classe.

Por isso, esta comissão julga, e provavelmente se tanto for necessário, que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Afirmamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa depreciação no seu dia-me-sma classe, passando para isso estes elementos.

Presenciamos e continuaremos a afirmar que a accão do sr. Comissário dos abastecimentos não conseguiu tornar-se útil nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, se o respeitável presidente do conselho não tivesse a ordem de achar o sentido de autorizar a fazer uma conscientiosa